

A percepção do velho homossexual sobre sua velhice

Alline Aragão Pontes

Resumo: A presente pesquisa intitulada *A percepção do Velho Homossexual sobre sua Velhice* foi realizada entre os frequentadores da Praça do Ferreira, no município de Fortaleza, com cinco homossexuais masculinos idosos. O estudo traz como objetivo principal verificar a percepção destes homossexuais sobre sua velhice e como objetivos específicos: analisar como se dá o relacionamento do velho homoerótico com seus familiares e a sociedade; conhecer seu perfil socioeconômico; como vem sendo sua vida sexual, seus planos e perspectivas para o futuro. Trata-se de um trabalho qualitativo, sendo esta abordagem a que mais se aprofunda no universo de significados das ações e relações humanas, que seriam impossíveis de serem percebidos em dados apenas quantitativos. Como instrumentos de coleta de dados foram utilizados: entrevistas com perguntas semiestruturadas; diário de campo; e observação in loco. As entrevistas foram gravadas e transcritas, constituindo-se em documentos, analisados com vistas à obtenção de respostas a questões previamente formuladas. Os resultados indicaram que os velhos homoeróticos procuram enriquecer esta fase da vida com atividades criativas, seja através das artes, da leitura, de viagens, envolvidos com organizações que lutam pelos direitos dos homossexuais, dentre outras. Embora não visualizem a velhice, nem mesmo quando analisam o futuro, vivem esta fase de forma positiva, o que faz com que permaneçam ativos e considerando-se sempre jovens.

Palavras-chave: Velhice, Homossexualidade.

Introdução

O aumento da expectativa de vida do ser humano é um fenômeno mundial. Tem como fator preponderante a queda da fecundidade e vem sendo influenciado por descobertas científicas e tecnológicas que permitem o homem viver mais, embora nem sempre em condições adequadas e dignas.

Sabe-se que em um País de dimensões continentais como o Brasil há vários tipos de envelhecimentos e velhices. O velho de hoje é resultado das condições de vida quando adulto, consequência de seu desenvolvimento ao longo da vida, desde a criança que foi, somado a outros fatores que também mantêm influência sobre o envelhecimento, como a situação social, o sexo, as condições biológicas e psicológicas e até mesmo a orientação sexual.

Foi observado durante esta pesquisa que temas ligados à velhice são bastante discutidos e pesquisados. Há uma vasta bibliografia geriátrica e gerontológica. Mas, estudos que envolvam a influência da orientação sexual, que aborde a homossexualidade e suas especificidades nesta fase da vida são quase inexistentes, sendo uma das dificuldades para a realização deste trabalho.

O homoerotismo¹ tem especificidades que embora não reduzam o indivíduo apenas a esta dimensão, por si só justifica uma abordagem com características próprias e centradas na questão. Os homens que fazem sexo com outros homens enfrentam com o avançar da idade os desafios comuns a todas as pessoas que envelhecem e ainda os mitos e preconceitos que cercam esta questão.

Os escassos estudos que abordaram o tema tiveram resultados contrastantes: em uma pesquisa realizada nos Estados Unidos da América, na década de 1970, concluiu-se que os homossexuais contavam com menos recursos que heterossexuais na mesma faixa etária para enfrentar as crises da velhice e seu envelhecimento começaria já na passagem dos trinta anos, o mais tardar aos quarenta, coincidindo com o declínio da atratividade sexual. Em contrapartida, uma outra pesquisa realizada também nos Estados Unidos e na Europa, na mesma década, constatou que os homoeróticos que chegaram à velhice apresentam um nível de satisfação e bem estar com suas vidas mais alto do que os jovens gays. Dado este que surpreendeu até os próprios pesquisadores.

Partindo-se destes estudos, o trabalho foi iniciado com alguns obstáculos para realização dentro do meio acadêmico, por ser considerado, segundo algumas concepções, como um tema irrelevante. Foi percebido certo preconceito devido à ideia arraigada de que para se ter interesse por um tema que envolva homossexualidade precisa-se, necessariamente, ter esta como orientação sexual. A pesquisadora sentiu algumas vezes o preconceito que infelizmente ainda permeia a questão, mesmo sendo esta heterossexual. Foi possível constatar que, mesmo a sociedade já tendo chegado ao Século XXI, época de fácil acesso a informações, há ainda quem acredite na inexistência de homossexuais idosos. Existem os que creem que a epidemia de AIDS da década de 1980 não os permitiu envelhecer e / ou que os homoeróticos que conseguem chegar à velhice optam por abandonar sua opção sexual para viver melhor. Espera-se então que este trabalho contribua de forma a diminuir os preconceitos e as credências irracionais que envolvem o assunto, e para se ter maiores informações.

Esta pesquisa tem como objetivo geral verificar a percepção dos homossexuais idosos frequentadores da Praça do Ferreira (Fortaleza-CE) sobre sua velhice. E como objetivos específicos: analisar como se dá o relacionamento do velho homoerótico com os familiares e a sociedade; conhecer seu perfil socioeconômico; verificar como vem sendo sua vida sexual; perceber quais seus planos e perspectivas para o futuro.

¹ Termo usado pelo autor Jurandir Freire Costa, em sua obra *A Inocência e o Vício* (2002). Segundo Costa, este termo descreve melhor a pluralidade das práticas e desejos dos homens orientados sexualmente pelo mesmo sexo; exclui a ideia de anormalidade; nega a existência de uma substância comum inerente a todos os homens com tendências homoeróticas; não possui uma forma substantivada que indica identidade, diferente do "homossexualismo".

A pesquisa empírica realizada evidencia o caráter qualitativo, sendo esta abordagem a que mais se aprofunda no universo de significados das ações e relações humanas, que seriam impossíveis de serem percebidos em dados apenas quantitativos.

Neste trabalho, delinea-se o perfil do idoso entrevistado, abrangendo dados pessoais, informações acerca de sua situação socioeconômica como: tipo de atividade laboral realizada; com quem mora; se recebe ajuda financeira ou ajuda alguém financeiramente. É referido, também, como os idosos relacionam-se com seus familiares e socialmente. Sob o aspecto da sexualidade, foram levantadas questões tais como: a vida sexual quando jovem e como está sendo atualmente; a importância dada ao sexo; se existe algum companheiro no momento, dentre outras. Abordou-se o tema velhice, que é a questão central deste trabalho, através de perguntas que estimulassem a percepção do entrevistado sobre o seu próprio envelhecimento. E finalizou-se com as perguntas referentes às perspectivas e planos para o futuro.

Nas considerações finais foram destacados os pontos mais importantes constatados durante a pesquisa, sem ter a intenção de encerrar o assunto, mas colocá-lo em discussão para motivar novas pesquisas sobre o tema.

Aspectos metodológicos

Esta pesquisa teve como objetivo verificar a percepção dos homossexuais masculinos idosos frequentadores da Praça do Ferreira, acerca de sua velhice, bem como compreender os modos de vida destes sujeitos, suas experiências e os repertórios pelos quais descrevem, explicam e interpretam o mundo em que vivem.

A situação de desigualdade de oportunidades a que estão sujeitos particularmente aqueles segmentos da população considerados minorias será ilustrada neste trabalho, que procurou mostrar também as especificidades das experiências homossexuais principalmente quando é chegada a velhice.

A pesquisa foi orientada a partir de duas hipóteses existentes que abordam o impacto do envelhecimento sobre a vivência homossexual. A primeira hipótese refere-se ao envelhecimento precoce dos homens que fazem sexo com outros homens, avalia o estigma da idade pelos seus efeitos negativos e propõe que os homens de orientação homossexual se consideram velhos antes do tempo, enfrentando o duplo preconceito (pela idade e pela orientação sexual), somado ao abandono e solidão. A segunda hipótese sustenta que as lutas constantes dos homoeróticos – tanto dentro de sua própria experiência pessoal de assumir esta orientação sexual, como a luta contra o estigma social – os fazem ter uma capacidade de resistência e determinação no enfrentamento de outras crises no curso da vida, como as relacionadas com o envelhecimento.

O estudo foi realizado de março a dezembro de 2008 e utilizou-se da pesquisa qualitativa para dar respostas a estas questões que compreendem um nível de realidade que não pode ser quantificado. Segundo Minayo (1994), este tipo de

pesquisa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (1994:21-22).

Foram pesquisados cinco indivíduos homoeróticos, residentes em Fortaleza, com idade entre sessenta e setenta anos, tendo como critério de seleção os seguintes fatores: serem homens acima de sessenta anos (idade estabelecida pela ONU como início da velhice nos países subdesenvolvidos); apresentarem a homossexualidade como única orientação sexual (não manter ou ter mantido casamento heterossexual); e frequentarem assiduamente a Praça do Ferreira.

É importante ressaltar o motivo da escolha desta praça como local para a realização da pesquisa. Primeiramente, foi feita uma visita ao Grupo de Resistência Asa Branca - GRAB² e uma consulta aos seus arquivos de filiados em busca de homoeróticos que já tivessem atingido a idade de sessenta anos. Foram encontradas três fichas: a primeira pertencia a um participante já falecido; a segunda, a um paulista, que havia se filiado ao Grupo ao fazer uma viagem a Fortaleza; e a terceira era a ficha de um militante ativo do próprio GRAB. Foi através deste que foi descoberto o grupo de homossexuais frequentadores da Praça do Ferreira, e que não se limita aos que já ultrapassaram os sessenta anos. O que foi observado nas visitas ao campo de pesquisa é que o banco da praça é frequentado por homoeróticos de todas as idades.

Nibs³ (62 anos) informou que frequenta a Praça do Ferreira há décadas e lá encontra amigos também frequentadores assíduos de longas datas para conversas vespertinas e diárias. Logo que o sol ameniza e o banco tradicionalmente ocupado por eles fica à sombra, por volta das cinco horas da tarde, começam a chegar seus frequentadores, que conversam animadamente sobre os mais variados assuntos, divertem-se e permanecem na praça até por volta de vinte horas, quando o comércio fecha as portas e o fluxo de pessoas diminui. Após este horário não há mais segurança e existe a violência que impera nas grandes capitais.

Além de ser um espaço público símbolo da cidade, a Praça do Ferreira é um universo amostral que apresenta uma boa variabilidade de informações devido ao caráter eclético dos frequentadores, as mais variadas idades, categorias profissionais e classes sociais. Mesmo não tendo hoje o mesmo peso do

² Em Fortaleza, no dia dezessete de março de 1989, surgiu o Grupo de Resistência Asa Branca (GRAB). Uma entidade civil, sem fins lucrativos, com base comunitária. O GRAB foi pioneiro no Estado do Ceará na defesa dos direitos de gays, lésbicas, transexuais² e bissexuais. É formado por pessoas de orientação homossexual e também por bissexuais, heterossexuais e abstêmios interessados na defesa da livre expressão sexual e dos direitos humanos. O grupo luta permanentemente pela inclusão social dos homossexuais masculino e feminino, através do ativismo, pela construção da cidadania e do fortalecimento da comunidade homossexual. Também desenvolve ações na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis (DST) e no apoio às pessoas portadoras do vírus da Aids.

³ Nome fictício.

referencial histórico dos séculos anteriores, a praça continua sendo um local de encontro, de rever e fazer amigos, de reminiscências dos tempos idos, espaço propício para minimizar a solidão dos dias, servindo como local de lazer, oferecendo para os idosos momentos de diversão.

Após a entrevista com Nibs, ficou acertado entre este e a entrevistadora a primeira visita a esta Praça com o intuito de conhecer os demais frequentadores do local, apresentá-los o tema da pesquisa e sensibilizá-los para a importância da participação, por se tratar de um assunto pouco estudado. Entretanto, por motivos pessoais, Nibs não pode comparecer nas datas marcadas. Foi necessária então uma nova estratégia: localizar um outro frequentador da Praça que se dispusesse a ser entrevistado e que indicasse amigos e conhecidos. Algumas semanas passaram até que isto acontecesse. Foi através de amigos em comum que a pesquisadora conheceu Peter⁴ que demonstrou muito interesse pelo tema e foi bastante empenhado na indicação e sensibilização de amigos para novas entrevistas. Na Praça, a pesquisadora foi apresentada aos homoeróticos por Peter, sendo explicado a eles do que se tratava a pesquisa e em cada nova visita ao local era realizada uma entrevista, ou marcado outro local e horário de preferência do entrevistado.

Não foi possível precisar qual é o universo de frequentadores homoeróticos idosos, pois como foi informado por Peter, sempre há novos frequentadores, o grupo está sempre se renovando. Porém, os mais assíduos são aproximadamente dez. A amostra foi por tipicidade, usada quando o pesquisador seleciona para a entrevista um grupo que ele considera típico da totalidade, no caso, os frequentadores da Praça.

As entrevistas foram realizadas de forma individual, na própria Praça ou no local escolhido pelo entrevistado, que variou entre suas casas e local de trabalho. O roteiro da entrevista era formado por perguntas semiestruturadas, num total de trinta e sete, incluindo dados pessoais e abordados os seguintes temas: relacionamento familiar e social, sexualidade, velhice e futuro. O tempo das entrevistas foi, em média, de quarenta minutos. Apenas um entrevistado levou uma hora e meia para concluir todas as perguntas.

Foi utilizado o gravador, com a permissão dos informantes, sendo o conteúdo transcrito de forma literal, no mesmo dia em que as entrevistas foram realizadas ou no dia seguinte. Utilizamos também um diário de campo, onde foram anotados, após as entrevistas, aspectos relevantes percebidos pela entrevistadora que vão além da fala do entrevistado, como a postura corporal, a tonalidade da voz, os silêncios, etc.

As fontes orais coletadas podem assumir a forma de histórias orais de vida, relatos orais de vida e depoimentos orais. A forma que melhor encaixou para atender aos objetivos deste trabalho foi o relato oral que é uma forma menos ampla e livre, quando é solicitado ao narrador que aborde de modo mais

⁴ Nome fictício.

especial determinados aspectos ou fases de sua vida, embora dando a ele liberdade total de expressão (LANG, 1998:12).

A história oral foi utilizada para que fosse possível coletar experiências vivenciadas pelos homossexuais, focalizando uma etapa da experiência de vida: a velhice. Esta metodologia está voltada para o estudo do tempo presente e baseada na voz de testemunhos. Vozes gravadas e transcritas constituem-se em documentos, analisados com vistas à obtenção de respostas a questões previamente formuladas em um projeto de pesquisa (Idem: 05).

Seguindo o argumento de Alcântara sobre a história oral, constata-se que:

A história oral desempenha papel importante no sentido de privilegiar a análise de grupos excluídos que não tiveram a oportunidade de expressar suas visões de mundo, seus anseios e aspirações na memória coletiva, colaborando na formação de uma consciência plena. Os depoimentos orais são fundamentais para se chegar àquilo que queremos saber dos sujeitos. Entretanto, é um exercício árduo, visto que exige muito mais do que uma relação de simpatia entre pesquisador e informante. (2004:73-74)

É importante ressaltar que a história oral não se restringe aos excluídos e esquecidos da história oficial. Esta é indicada quando não há documentação. O depoimento é o elemento a partir do qual se ordenam as demais fontes constituintes do discurso analítico. (Idem: 74).

Nesta pesquisa, a escolha do depoimento oral como fonte de dados deve-se a busca de conhecer determinados aspectos e fases da vida dos sujeitos que estão excluídos e esquecidos da história oficial.

Após colher os cinco depoimentos orais, a fase seguinte foi a interpretação dos dados obtidos, e a técnica escolhida foi a análise de conteúdo, assim descrita por Minayo:

Atualmente podemos destacar duas funções na aplicação da técnica [Análise de Conteúdo]. Uma se refere à verificação de hipóteses e / ou questões. Ou seja, através da análise de conteúdo, podemos encontrar respostas para questões formuladas e também podemos confirmar ou não as afirmações estabelecidas antes do trabalho de investigação (hipóteses). A outra função diz respeito à descoberta do que está por trás dos conteúdos manifestos, indo além das aparências do que está sendo comunicado. As duas funções podem, na prática, se complementar e podem ser aplicadas a partir de princípios da pesquisa quantitativa ou da qualitativa. (1994:74).

No primeiro momento, foi organizado o material a ser analisado: as cinco transcrições feitas das entrevistas realizadas, das quais foram assinalados os trechos mais significativos e as categorias a serem abordadas. Várias leituras foram necessárias nesta primeira fase. Também fizeram parte desta análise as anotações do diário de campo. Em seguida, procurou-se estabelecer articulações entre os dados e os referenciais teóricos da pesquisa, respondendo às questões formuladas quando foram definidos os objetivos desta.

É importante ressaltar que esta pesquisa não teve a pretensão de chegar a uma verdade absoluta, mas apenas apreender as versões referidas a indivíduos, sociologicamente qualificados e inseridos em uma dada conjuntura.

Apresentando resultados: as percepções dos entrevistados sobre relacionamento familiar e social, sexualidade, velhice e futuro

Ao iniciar a discussão dos resultados ressalta-se que esta análise é relativa ao universo específico dos homoeróticos entrevistados, não necessariamente de todo o universo homossexual.

Para facilitar a interpretação e análise efetuada, optou-se por iniciar a exposição dos dados obtidos apresentando os entrevistados para que sejam mais bem identificados, personalizando-os com os pseudônimos que correspondem aos personagens do filme de Peter Pan. Foi feita uma analogia entre os entrevistados e os garotos perdidos do filme de Peter Pan (2004).

Peter Pan e seus amigos vivem na Terra do Nunca, um lugar mágico onde ninguém envelhece, todos permanecem jovens para sempre, fazendo apenas o que lhes dão prazer, sem nenhuma outra preocupação além das aventuras diárias. Assim como os garotos perdidos (amigos de Peter Pan) não querem encarar a passagem do tempo e as consequências que esta traz, os entrevistados desta pesquisa também encaram o envelhecimento como se vivessem na Terra do Nunca, como algo que não vai chegar, a não ser que percam o amor pela vida, abandonem as atividades que lhes dão prazer e vivam apenas em casa, sem nenhum estímulo, pois é desta forma que percebem a velhice.

Nesta apresentação, serão ressaltados os dados pessoais, o perfil socioeconômico dos sujeitos e as impressões anotadas no diário de campo pela pesquisadora.

Dados pessoais e perfil socioeconômico dos entrevistados

O primeiro entrevistado foi Nibs de sessenta e dois anos. Nascido em Fortaleza, mora atualmente na Barra do Ceará. Coursou até o antigo ginásio. É cabeleireiro e sua renda mensal aproximada é de dois salários mínimos. Apresenta a religião católica como prática religiosa. Sua entrevista foi realizada

no GRAB, onde é militante. Mora com uma irmã e uma sobrinha há vinte e dois anos. Estas sabem de sua preferência homossexual.

As impressões sobre Nibs anotadas no diário de campo foram:

O entrevistado mostrou-se disposto a responder todas as questões, orgulhoso de sua orientação sexual e do respeito das pessoas, que conseguiu 'por saber entrar e saber sair' das situações e por respeitá-las também. Senti uma certa dificuldade para que este entendesse as perguntas sobre sexualidade, que foram compreendidas como orientação sexual. Tive que refazer algumas perguntas, com outras palavras para me fazer entendida. (Diário de Campo, 19/10/2005).

O segundo entrevistado foi Peter, de sessenta e seis anos. Também nascido em Fortaleza, morador do bairro Benfica. Concluiu o científico, mas não fez faculdade. E justificou da seguinte forma:

Porque eu mesmo não quis fazer faculdade, porque eu tive todas as condições, [...] estudei nos melhores colégios: Sete de setembro, Cearense. Mas aí, quando eu terminei o curso secundário, eu fiz uma viagem pro Rio de Janeiro, aí foi quando eu comecei a ver os ares do mundo gay, aí eu me empolguei, queria era passear, conversar, ler. E meu pai sempre queria que eu fizesse faculdade. Mas aí, eu acho que foi lá pelo mais recôndito do meu ser, lá no meu íntimo, eu acho que eu, pra me vingiar dele porque ele falava demais, eu não me formei.

Foi funcionário público e atualmente está aposentado. Sua renda mensal está acima de dez salários mínimos. Afirmou não ser praticante de nenhuma religião:

Eu não sou uma pessoa religiosa. Eu não tenho uma certeza se existe Deus, eu acho que tem uma força superior, eu não sei se é a natureza, como é que é, nem como não é. Eu tenho quase certeza que não é como as religiões pregam. Eu não sou daquelas pessoas que rezam. Às vezes eu vou numa igreja, na missa de sétimo dia de alguém, mas nem rezar eu sei. Não me diz mais nada. [...] Eu não tenho uma convicção religiosa que eu acredito, não, não tenho não. Até eu gostaria de ter, porque é bom a pessoa ter uma religião, e você ter fé, a fé é ótima. Eu não tenho, mas a fé é uma maravilha porque se você possuir fé, todos os problemas são resolvidos com mais facilidade. Eu, por exemplo, qualquer problema, eu digo meu Deus! Eu digo: Olha [...] eu não sei se Você

existe, se Você existe, me perdoe! Se não, o que eu posso fazer?

Mora com a empregada doméstica que desde jovem trabalha em sua casa. As impressões anotadas sobre este no diário de campo são:

O entrevistado mostrou-se bastante prolixo, respondeu com riqueza de detalhes às perguntas. A entrevista durou por volta de uma hora e meia. Não percebi contradição em sua fala, apenas uma certa resistência para falar sobre sexualidade. (DC, 31/10/05).

O terceiro entrevistado foi Cubby de sessenta e seis anos, natural de Fortaleza, tendo residência no Bairro de Fátima. cursou duas faculdades: direito e jornalismo. Seguiu a profissão de jornalista. Aposentou-se, mas continua trabalhando em um jornal de grande circulação. Sua renda mensal é acima de dez salários-mínimos. Com relação à religião, define-se da seguinte forma:

Eu sou aquela coisa ecumênica, um pouco católico, um pouco budista, um pouco umbandista, de tudo um pouco, né?! Quando eu tô assim, numa situação a perigo, eu apelo pra todas as espécies de instância. Mas, mais católico por causa da formação familiar.

Realizou recentemente uma cirurgia cardíaca e está em recuperação. Ao elogiar o apoio que teve dos amigos (todos homossexuais) em sua recuperação e agradecer a Deus por tê-los, ouviu de uma prima: - “Mas olhe, Deus quer também que você respeite os mandamentos”.

Respondeu prontamente: “Eu sei! E ao meu Deus, eu tenho certeza que não ofendo!” E refletiu sobre o diálogo:

Já pensou? Uma pessoa que não faço mal a ninguém! Só faço o bem, né? Eu não pedi pra ser homossexual, eu já nasci assim. Já nasci. Desde que me entendo. [...] Ela tem horror a homossexualismo! Ela acha uma aberração e como o Papa, ela pensa que os homossexuais devem ser castos. É uma pessoa totalmente fora da realidade.

Analisando seu discurso, percebe-se que apesar da reprovação da homossexualidade pela Igreja Católica, os homoeróticos não a levam em consideração, mantendo suas práticas religiosas e práticas sexuais. Mora com uma empregada doméstica que há muitos anos trabalha com a família.

Moramos eu e ela. Eu tenho sessenta e seis, ela tem sessenta e sete. O casal de velhinhos.

As impressões anotadas sobre o entrevistado foram:

Mostrou-se bastante disponível para responder as perguntas, em nenhum momento titubeou ou mostrou-se constrangido. Não teve problema em falar sobre sexualidade, foi o ponto em que mais nos detivemos, que ele fez questão de dar detalhes. Quando avisei que o próximo tema seria este, ele exclamou: 'Que maravilha!'. Foi operado do coração recentemente e mostra-se com muito amor pela vida - alto astral, o tempo todo sorrindo! A simpatia é uma das suas principais características (DC, 15/11/05).

O quarto entrevistado foi Toodles que afirmou ter quarenta e cinco anos, apesar de aparentar fisicamente ter bem mais do que esta idade. Seus amigos afirmam que este já passou dos sessenta, embora não assuma, negue sua idade e o envelhecimento. Debert (1999) constatou em sua pesquisa que suas entrevistadas, com mais de setenta anos, não se consideravam velhas, sendo a velhice vista como um problema de outros que se comportavam como velhos, mesmo que com menos idade. Nesta concepção, a velhice não está referida à idade, mas à perda de autonomia. O mesmo foi constatado no discurso de Toodles que demonstrou resistência para perceber-se envelhecendo, associando a velhice apenas à perda das capacidades biológicas.

Natural de Fortaleza, mora no bairro Monte Castelo. É professor da rede estadual de ensino. Sua renda mensal está entre cinco e dez salários mínimos. Coursou a faculdade de Administração de Empresas. Declarou-se Cristão. Mora com mais duas pessoas:

Mora eu, um amigo meu de muito tempo, certo? E meu filho que tá morando aqui comigo agora. Esse meu amigo não é meu companheiro não. Mas, ele é gay. E o filho é adotivo.

Os amigos do entrevistado afirmam que o suposto filho, de vinte e um anos, é na verdade seu namorado que, devido à diferença de idade, Toodles não se sente à vontade para falar sobre o assunto. Durante a entrevista afirmou que a história da adoção do filho é muito longa e complicada e preferia não falar sobre isto.

No diário de campo, registrou-se:

Senti que o entrevistado não estava muito à vontade para responder algumas perguntas. Foi perceptível que revelar a idade e falar da sua própria velhice foi constrangedor para ele. Sente-se jovem 'com cabeça de 30 e corpo de 20'. (Diário de Campo, 30/11/2005).

O quinto entrevistado foi Slightly de setenta anos. Também natural de Fortaleza, mora no centro da cidade. Coursou até o científico e atualmente está

aposentado, recebendo mensalmente entre dois e quatro salários mínimos. Sua religião é a católica. Mora com uma irmã com problemas de saúde.

Só eu e ela. Ela é uma pessoa mutilada, sabe? Ela tem diabetes e faz hemodiálise e teve os pés cortados por causa da diabetes. E tudo sou eu dentro de casa.

No diário de campo encontra-se:

A entrevista foi meio apressada, Slightly tinha que ir embora cedo da praça porque tinha um compromisso. Mesmo assim, respondeu a todas as perguntas e só mostrou-se receoso em falar sobre sexualidade. (Diário de Campo, 15/12/05).

Todos os informantes, sem exceção, afirmaram não receber ajuda financeira e sim ajudar algum familiar, afilhado ou amigo, mesmo os que têm uma renda mensal menos elevada, como confirmam os discursos:

Eu ajudo amigos. Um pobrezinho, um afilhado que eu tenho. Sempre dou umas coisinhas a ele. Tem uns dois anos. (Nibs)

Eu sou muito caridoso, sou muito generoso, por exemplo: eu ajudo associações beneficentes e casas de idosos, sabe? As velhinhas de Santa Edwirge. Eu sou generoso, viu? Eu tenho pouco, mas o pouco que eu tenho, eu divido. (Cubby).

Concluiu-se a partir dos discursos obtidos que nenhum dos entrevistados enfrenta dificuldades financeiras.

Relacionamento familiar e social

Após as perguntas referentes aos dados pessoais, iniciou-se o questionamento sobre relacionamento social e familiar. O primeiro ponto abordado foi sobre o recebimento de visitas em suas casas e as respostas foram as mais variadas:

Recebo! Lá em casa não tem problema não! Meus amigos vão lá em casa, almoça lá em casa no fim de semana.... (Nibs)

Na minha casa vai muito pouco. Eu gosto muito da minha privacidade. Em casa eu tenho televisão por assinatura [...] gosto de ler e tudo. Então, a maioria das vezes, eu gosto de tá é só! (Peter)

Não porque ela [a empregada doméstica com quem mora a muitos anos] é muito possessiva! [...] Ela pensa que é

minha mãe, tá entendendo? Apesar da pouca idade. Como ela cuidou da minha mãe, agora eu sofri recentemente uma cirurgia cardíaca, então ela é minha mãe. Ela acompanha assim pra onde eu vou, pra onde eu não vou. Mas, ela conhece outro Cubby, ela não conhece o real. Ela é muito preconceituosa. Ela é extremamente preconceituosa. Ela ficou horrorizada com o beijo do Bruno Gagliasso⁵, torcendo pra que não acontecesse, entende? [...] E com relação à visita, só se for de amigos muito íntimos, pessoas muito, muito chegadas! Eu acho que ela tem um pouco de ciúmes de mim, viu? Eu tenho a impressão que ela é apaixonada. Tenho quase certeza que sim! (Cubby)

Visita... Só mais de amigos, certo? Quando eu tô namorando, o namorado vem, às vezes eu vou pra casa do namorado, aquela coisa, né? (Toodles)

De amigos meus. Eles sempre vão lá em casa. Namorado não, namorado é na rua. Eu já tive uma figura que morou comigo catorze anos e infelizmente morreu atropelado. Já tá com dez anos isso. Aí, de lá pra cá, eu não quis mais ninguém fixo. Minhas aventuras é assim [...] pegar, usar e mandar embora. É... eu não quero mais! Quero não! (Slightly)

Foi observado que os homossexuais que assumiram a sua preferência sexual para a família e / ou para as pessoas com quem moram, como é o caso de Nibs, Toodels e Slightly, não há problemas em receber visitas de amigos também homossexuais e namorados. Peter prefere manter sua privacidade, e Cubby sente-se obrigado a privar-se do convívio de amigos em sua residência, sem o direito a plena identidade, por ter que esconder sua orientação sexual da empregada com quem mora. Acredita que não seria possível mudar a concepção preconceituosa que esta apresenta sobre a homossexualidade.

A questão seguinte foi sobre as atividades que realizam e constatou-se que o dia-a-dia dos entrevistados é bastante movimentado quando estes os descreveram. Todos preenchem o tempo com atividades que gostam:

Eu gosto muito de cozinhar, cortar cabelo, tem o buddy⁶ que eu vou duas vezes por semana na casa dele. Chega

⁵ Refere-se à novela América (2005), exibida pela Rede Globo. Em seu último capítulo esperava-se que ocorresse um beijo entre dos homossexuais. A cena não foi ao ar, sem maiores explicações.

⁶ Trata-se de um projeto que nasceu em Amsterdã, Holanda e disseminou-se por todo o mundo. Em Fortaleza foi implantado pelo GRAB. Objetiva contribuir para a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem com HIV/Aids através de ações que promovam a autoestima, a cidadania, o acesso e adesão ao tratamento. O termo *buddy* significa amigo, companheiro, e seu papel depende da situação que a pessoa vivendo com HIV/Aids está

lá, eu ajudo, eu banho, lavo a roupa dele, limpo a casa, cuido dele. Agora ele tá no hospital. E eu vou duas vezes também na semana no hospital visitar ele lá. Passo o dia, passo a noite no hospital com ele. Eu corto cabelo no fim de semana. Na semana eu fico aqui no GRAB pra ajudar os meninos. (Nibs)

Peter afirma não se preocupar muito em realizar atividades, faz o que lhe dá prazer, não se preocupando em seguir uma rotina. Já Cubby demonstra ser completamente elétrico:

Eu nunca tô parado! E além do trabalho, eu também adoro cinema, adoro shopping. [...] Eu não paro em casa, eu sou muito elétrico, eu digo que nasci alguns decibéis acima do normal.

Toodles, assim como Cubby, também dedica muito tempo ao trabalho. Aproveita o fim de semana para descansar e Slightly considera as atividades domésticas como as principais no seu dia-a-dia:

As minhas atividades, ultimamente, é mais doméstica. Cuidar da minha casa, da minha irmã. Aí quando eu tenho uma folga, venho pra Praça do Ferreira conversar com os meninos [os velhos amigos], quase toda noite, entende? Minhas atividades são essas.

E nos fins de semana, Slightly costuma ir à praia e a bares com os amigos.

O relacionamento familiar foi uma questão que deu lugar a variados discursos. Foi observado que quatro entrevistados (Nibs, Peter, Toodles e Slightly) consideram o relacionamento com seus familiares muito bom, embora Peter e Toodles não assumam a orientação sexual para todos os familiares, apenas para aqueles com quem têm mais afinidades. Já Cubby afirma ter construído sua própria família, tendo afinidade apenas com algumas primas.

É importante ressaltar a visão que Peter e Slightly apresentaram sobre a relação do homossexual com a família.

Quando a minha mãe adoeceu, eu era o único solteiro, eu é que morava com ela, eu fiquei com ela até o fim. Minhas irmãs eram ótimas, mas eu... Porque os homossexuais, as pessoas às vezes têm muito preconceito, mas eu conheço casos que as mães, no final da vida, tiveram neles o maior apoio! Conheço vários amigos meus que

enfrentando e de suas necessidades. O *buddy* oferece principalmente apoio prático e emocional. O candidato a *buddy* passa por uma capacitação e dedicará oito horas semanais voluntariamente a uma pessoa que vive com HIV/Aids escolhida pelos responsáveis pelo projeto. De acordo com as reais necessidades desta é escolhido o voluntário que melhor possa atendê-la.



foram filhos excelentes! Até mesmo entre os homossexuais mais ignorantes. [...] Eu quero dizer que os homossexuais sempre são bons filhos. A minha mãe me adorava! Ave Maria! (Peter)

Eu acho o seguinte: toda mãe quando visse um filho homossexual, ela era pra... como se diz? Pra louvar a Deus! Porque todo homossexual que eu conheço, a família termina com ele. A mãe termina com ele, quando não tem mãe, o pai doente é ele quem cuida, entende? Parece assim uma parede que sustenta, que bloqueia tudo que vem da família. A família vai morrendo e a pessoa vai segurando. É o meu caso. Eu fui para o Rio de Janeiro em sessenta e cinco [1965] pra morar, passar muito tempo, morar e trabalhar lá. Aí, pronto. Meu pai morreu, minha mãe mandou me chamar. Vim, fiquei com ela até oitenta e cinco [1985]. Em oitenta e cinco ela morreu. Aí, eu pensava que ia ficar livre pra ir novamente para o Rio. Aí, vem um irmão meu [...], eu cuidei dele até [...] Aí, agora depois desse meu irmão, essa minha irmã. Quer dizer, minha vida todinha foi dedicada à minha família: meus pais e meus irmãos, a família toda. Eu acho que toda mãe que tiver seu filho homossexual deveria louvar a Deus, porque eu conheço tanta velhinha que é encostada aí, os filhos tudo casado, não tão nem aí! Às vezes botam no abrigo, abandonam, né? Eu acho horrível isso! Enquanto o homossexual não! Ficaria com a mãe, levaria para o apartamento e moraria com ela. (Slightly)

Outro ponto questionado foi quanto à aceitação da homossexualidade pelas famílias. Apenas as famílias de Nibs e Slightly aceitam plenamente, sem preconceitos. Peter e Toodles preferiram omitir sua opção sexual dos familiares. Toodles revelou apenas para um tia com quem tem muita afinidade. A família de Cubby não aceita a homossexualidade deste.

Só uma delas [das primas] aceita plenamente, pra uma eu sou aberto completamente. Mas, ainda assim, ela é aquela compreensão [...] Uma espécie de tolerância apenas. Eu noto. As outras não aceitam. Inclusive, tem uma que é preconceituosíssima! E o pior de tudo: tem muita maldade! Vê coisas onde não existem, viu? Tem uma delas que é muito cruel, mas eu tenho afinidades em outros sentidos com ela. Tenho afinidade cultural [...] Então, eu relevo um pouco, mas ela é extremamente preconceituosa! Mas, já pensei em escrever uma carta pra ela, sabe? Uma carta assim, muito educada, uma carta gentil, mas dizendo: Meu Deus, você está vivendo no século XXI! Tá entendendo? Isso não existe! Ela tem

horror a homossexualismo! Ela acha uma aberração!”.
(Cubby).

Ao serem questionados sobre o relacionamento com os vizinhos, mais uma vez entra em questão o fato de ter assumido sua orientação sexual para a família e sociedade ou não. Aqueles que optaram por assumir sua identidade sexual apresentaram uma boa relação com os vizinhos, já os que preferem omitir, e manter uma vida reservada, não apresentam uma relação de amizade com os moradores das proximidades de suas casas. Como se observa nos discursos contrastantes de Nibs e Cubby:

Meus vizinhos são ótimos! Os rapazinhos tudo me chamam de tio. Tenho muita sorte também com meus vizinhos. Todos os rapazes me respeitam e eu também respeito eles, sabe? Todos me chamam de tio. Todos, lá onde eu moro. Inclusive, agora vamos sair de lá porque minha irmã vai vender a casa, os filhos dela moram no Cambeba, aí ela vai vender a casa pra comprar um apartamento no Cambeba. Todos quase que choram porque nós vamos se mudar de lá! Porque faz vinte e dois anos que eu moro lá. É uma vida, né? E graças a Deus, me dou muito bem com meus vizinhos, são meus amigos também. (Nibs)

Eu nem falo com eles, desconheço completamente. Eu moro num condomínio e tenho relacionamento com pouquíssimos vizinhos. Eu não frequento reunião de condomínio. É interessante: em casa eu sou um pouco assim [...] Eu prezo muito a minha privacidade, viu? E como seria muito difícil explicar pra eles, eu prefiro que eles pensem o que queiram, mas não me relaciono. É bom dia, boa tarde. Não frequento as festas de condomínio. Me dou mais com os serviçais, porteiros. Aí, esses me adoram! Eu brinco, eu cumprimento, mas gente de nariz empinado não! (Cubby)

Sobre as pessoas com as quais apresentam maior afinidade, os entrevistados foram unânimes em citar amigos. Peter incluiu as irmãs e Toodles, o suposto filho e uma tia.

São meus amigos. Meus amigos são amigos muito antigos, são amigos de quarenta anos, quarenta e cinco anos [...] E nós formamos uma turma! A gente tá sempre no ponto, com mais de sessenta anos, mas todos atuantes! Todos! Nós formamos uma espécie de confraria, a gente se telefona muito, a gente se encontra, alguns ainda saem à noite. Eu não saio mais à noite não, mas eu saio. (Cubby)



Com relação aos lugares que costumam frequentar para se divertir, Nibs afirmou que seu lugar preferido é a Praça do Ferreira, Peter disse gostar de frequentar restaurantes finos, fazer viagens. Toodles prefere praias, pizzarias, rodízios. Slightly prefere cinemas, bares da periferia. Apenas Cubby afirmou gostar de frequentar os cines-pornôs do centro da cidade. Nenhum dos informantes gosta de sair à noite por considerar a cidade perigosa e preferirem programas diurnos e mais calmos. Nenhum deles é adepto a frequentar as boates voltadas para público GLS.

Ai! Eu me divirto muito! Eu não vou lá [cine clubes gay] nem pensando em fazer sexo, não. Eu vou pra me divertir, pra ver, é muito divertido! Você sabe que gay é muito interessante, né? Um amigo uma vez disse: 'não sei porque se chama gay! Porque é uma tristeza!' Olha que coisa! Nunca vi gente mais alegre! Adoram rir, adoram encontrar, tem aquela malícia... Então, eu tenho muitos amigos nesses cines clubes, né? São amigos circunstanciais, né? Não são como esses outros amigos meus. Mas, eu me divirto muito conversando, vou pra conversar, bater papo, saber as fofocas, saber as novidades, quem foi que assumiu, quem foi que não assumiu, quem tá de caso com quem. É interessante que estão se definindo, que tem um [Cine Clube] que é do público velho, o 'Star', perto da praça do Banco do Nordeste, em baixo no Motel Charme. Eu me sinto um brotinho lá. É só pessoas de idade! De sessenta, setenta anos! E é o mais frequentado. Aí, estão se definindo: tem o dos idosos, tem o dos travestis, tem o dos michês, tem o dos casais, que vão esses casais. Por exemplo, o dos velhos é frequentado geralmente por gente casada, a maioria é casado, padres, juízes, empresários, advogados, médicos [...] Como têm médicos, viu? [...] Mas, em todos os cines existe a presença de pessoas da minha idade, de pessoas mais velhas que eu, de pessoas mais novas, pouco mais novas, de cinquenta anos. Mas, todos em plena atividade, todos! E isso aqui não é nada! Em São Paulo você sabe, né? Você sabe que São Paulo é o paraíso dos velhinhos! Tem uns bares em São Paulo, como o Caneca de Prata, o Lord Byron, que a média de idade, eu acho que é setenta anos. Tem gente em cadeira de rodas! É velhinho, velhinho mesmo! E eu me apavorava! Porque eu faço regime por causa da diabete e via aqueles velhinhos onze horas da noite, meia noite comendo aqueles sanduíches suculentos, cheios de maionese! Eu digo: Meu Deus!!! Será que eles ainda não são safenados? (Cubby)

Para finalizar as perguntas referentes ao relacionamento familiar e social, questionou-se se em algum momento o entrevistado sentiu-se vítima de preconceito. As respostas e justificativas foram as mais diversas.

Nibs afirmou nunca ter sido vítima de preconceito, nem na época da adolescência quando era estudante. Entretanto, ao lembrar a juventude, comentou da perseguição dos policiais contra os homossexuais. Ele e amigos foram levados à delegacia algumas vezes, sem ter cometido nenhum crime, apenas por serem homossexuais. Só por preconceito, afirmou ele. Mas, quando foi questionado, levou em consideração apenas a família que sempre aceitou sua orientação sexual.

Peter apresentou uma concepção diferente:

*Quando a gente é mais jovem, por exemplo, assim num desentendimento com alguém, a pessoa quer ofender. No meu caso, quando aconteceu, eu levantava minha cabeça e esculhambava! Mas, muito pouco, né? E outra coisa, a gente é inteligente, às vezes a gente atribuía a ignorância e então, às vezes faz até que não ver, tá entendendo? Então, se você sente que alguém assim [...] A pessoa faz que não tá nem vendo pra não perder tempo. Porque também não vai adiantar, né? Ninguém muda o mundo!
(Peter)*

*Olha, eu seria até injusto de dizer que eu fui vítima de preconceito. Eu vou lhe contar uma história que é muito importante: quando eu era adolescente, eu tinha dezoito, dezenove anos, era filho único, né? Então, escreveram uma carta pro meu pai dizendo que eu era homossexual, que frequentava ambientes homossexuais, mas sabe qual era o ambiente homossexual? O Teatro José de Alencar [...] Então, eu vinha com minha mãe da casa da minha vó, o papai tava com uma cara séria: 'Venha cá! Olha aqui a carta que escreveram sobre o nosso filho!' O papai era um homem culto, era desembargador, era poliglota [...] e minha mãe era uma mulher do interior, simples, mas do primário bem feito e muito chegada a mim, claro. Então, ela leu a carta, eu do lado dela me tremendo e o papai esperando a reação dela [...] Ela simplesmente devolveu a carta a meu pai e disse: 'Eu aceito meu filho do jeito que ele for!' Ela não questionou a veracidade da carta, ela não disse: 'Ah! Isso é uma calúnia! Como você acredita nisso?' Foi uma coisa tão maravilhosa que eu pensei: se minha mãe, que é a mulher da minha vida, ela, Nossa Senhora, Carmem Miranda e Marilyn Monroe também, né?
(Risos) Se a mamãe que é a mulher da minha vida, me aceita como eu sou, por que eu vou ligar pra opinião dos outros? Então, a partir daí eu fui extremamente autêntico!*

Eu não sou agressivo, você vê. Eu não tenho trejeitos [...] Mas, em todos os meus empregos, eu fiz duas faculdades, nas faculdades, nos empregos, em tudo eu sempre fui [...] Não vou dizer, mas as pessoas mais chegadas, elas percebem e eu [...] Eu sou assumido. Eu sou super, super assumido! Eu não escondo nada de ninguém! (Cubby)

Cubby afirma não esconder sua preferência sexual, mas refere-se aos ambientes em que as pessoas não veem a homossexualidade com preconceito, como é o caso do jornal em que trabalha. Mas, como já foi registrado, em sua casa não assume sua orientação sexual para a pessoa com quem mora.

Não, eu nunca fui vítima de preconceito porque eu sempre fui autêntico. Eu [...] Digamos, no meu trabalho, as pessoas sabem que eu sou e me respeitam e eu respeito às pessoas. O bom é que eu trato todos iguais. E eles me adoram em virtude disso. E até acham o seguinte: você é uma pessoa tão diferente, você é desse jeito, nós sabemos que é, mas você é aquela pessoa que tem um afeto muito grande. Você abraça a gente, você não tem repulsa. (Toodles)

No discurso de Toodles é perceptível o preconceito: “Você é desse jeito, mas não tem repulsa...”. Este discurso reflete o preconceito vindo de uma visão estereotipada de que o homossexual tem repulsa por mulher, que não tem um convívio harmonioso com mulheres, que “este jeito” de ser não é o ideal, é um modo de viver aquém do esperado. Embora Toodles não se considere vítima de preconceito, ele está presente.

Costa (2002) afirma que o discriminado é forçado a recorrer ao vocabulário do discriminador para identificar-se como sujeito e para reivindicar a consideração moral à qual aspira.

Muitas vezes! Agora não, mas na minha adolescência houve muito! Hoje é porque tem mais liberação, mas na minha adolescência [...] É por isso que eu fui me freando, eu mesmo fui botando rédeas em mim, porque eu notava que os outros amigos meus, pintosos⁷, eles passavam e as pessoas diziam piadas, sofriam preconceitos. Aí, eu fui analisando aquilo. [...] Eu procurei me livrar de negócio de preconceito porque eu não gosto. Pode ser a pessoa mais pintosa do mundo, eu acho que a pessoa tem que respeitar, entende? A não ser quando a pessoa esteja agredindo, né? Moralmente. Porque tem muitos que agredem quando se embriagam, agredem moralmente,

⁷ Homossexuais efeminados.



sobem em mesa, aí dão aquele show! Eu não gosto dessas coisas não. O preconceito eu sofri muito quando era menino, adolescente. Eu sempre procurei me reservar [...] Agora toda vida eu tive inteligência pra coisa. Eu, quando chegava no colégio, procurava, eu analisava os alunos mais libertinos, os alunos mais chatos que tinha. Era com aqueles que eu fazia amizade, entende? Já pra limpar a minha barra! Eu fazia amizade e pronto. Quando eles descobriam quem eu era realmente, aí já era amigo meu! Deixava passar! Eu não fazia como os outros, os outros chegavam e ficavam pelos cantos, acuados. Não pode! Você tem que buscar a inteligência, saber qual é o mais danado do pedaço e aqueles é que você tem que fazer amizade. Eu fiz muito isso em colégio! [...] Eu trabalhei dezoito anos em cartório [...] Eu me lembro de uma história, uma vez, só tinha eu de rapaz e o resto era tudo mulher e quando deu cinco horas, tava terminando o expediente [...] aí, chegou um rapaz, um rapaz bem humilde, com atestado de óbito na mão pra fazer gratuitamente, né? Aí, as meninas não quiseram atender, mas me empurraram. Aí, eu vi aquele homem que tava até chorando, aí eu comecei a estender, perguntei a idade da criança e tudo... Quando eu perguntei a idade, ele disse seis meses. Aí, eu vi ele chorando, chorando, aí disse assim: E o senhor já gostava bastante dessa criança com seis meses! Aí, ele disse: 'Rapaz, Ave Maria! Era a minha vida essa criança! [...] Mas, se era pra essa criança dar pra ladrão ou pra viado...' Mas aí, era uma pessoa ignorante, não tava sabendo que eu era, né? Ele não disse por maldade, ele disse porque o povo rude às vezes atinge a pessoa sem saber! Mas, é uma discriminação! 'Se é pra dar pra ladrão ou pra viado', né? E essas coisas a gente tem que ouvir e engolir. Eu engoli dele porque ele era uma pessoa rude. Se eu notasse que a pessoa tava bolando que eu era e soltasse essa, aí eu discutia com a pessoa. (Slightly)

Nibs, Peter e Slightly ainda completaram seu discurso de forma a deixar claro que estão muito satisfeitos com sua opção sexual, mesmo tendo enfrentado algumas dificuldades durante a vida. Os três afirmaram, de acordo com suas crenças, que quando morrerem, se houver a possibilidade de voltar à vida e escolher o sexo, querem voltar homossexuais novamente, pois se sentem plenamente satisfeitos com suas orientação sexual.

Eu vou dizer uma coisa: se eu morrer hoje ou amanhã, quando eu morrer, digamos que tem outra vida e haja a reencarnação, aí lá, digamos que um Deus, ou seja quem for diga: 'Olha, você vai ser reencarnado novamente. Você vai querer ser o quê? Homem ou mulher?' Eu ia

dizer que queria ser gay de novo. Porque eu nunca tive problema. Eu nunca tive o menor drama, o menor problema de consciência! A única coisa era que quando meu pai era vivo, às vezes, eu me preocupava mais com ele. Mas, comigo não. Eu nunca tive o menor ranço, desgosto, não. De jeito nenhum! (Peter)

Sexualidade

A segunda categoria abordada foi a sexualidade. As perguntas realizadas tiveram o intuito de perceber como os velhos homoeróticos vivem sua sexualidade e as mudanças percebidas desde a juventude até a velhice. Questionou-se também sobre a existência de um companheiro ou de ter relações esporádicas, o que é mais importante nos relacionamentos amorosos e como definem o sexo.

Todos os participantes lembraram a juventude como uma época de muita liberdade sexual, muitos namorados, diversão, mas com o passar dos anos, foram optando por uma vida sexual mais calma ou até por outras formas de prazer, não necessariamente ligadas ao sexo, mas às artes, ao entretenimento. Todos revelaram que a frequência com que faziam sexo na juventude caiu consideravelmente com o passar dos anos.

Quando eu era mais novo, eu era mais louco porque eu gostava de brincar, saía à noite e só chegava de manhã, certo? [...] Namorava muito! Lá no Passeio Público eu namorava não era só com um não! Era dois, três. Só pra namorar, sabe? Eu ficava com dois, três ali, aí me agarrava com um, me agarrava com outro, era assim. Naquele tempo era muito bom! [...] Hoje eu sou muito controlado. Passo de mês, dois meses sem fazer nada! (Nibs)

Com o passar dos anos, a gente vai perdendo aquele fogo, como se diz. A gente vai se acomodando. Já passa a gostar de outras coisas que vão substituindo. Até porque o mundo tá muito perigoso! A violência tá aí! Você não pode confiar em qualquer pessoa, tá entendendo? E a libido da gente, ela vai arrefecendo. Então, hoje eu acho a pessoa bonita, acho lindo, maravilhoso, mas já não me diz muita coisa não. Eu prefiro partir pra outras coisas. (Peter)

Minha vida sexual é maravilhosa! Agora [...] Eu me decepcionei tanto de tentar ter relacionamentos fixos. Eu já tive seis relacionamentos fixos ao longo da minha vida, e um semifixo que foi o último. Mas, este último destróçou meu coração! Sabe por quê? Porque eu só quero gente



mais jovem, bem mais jovem do que eu. E todo mundo diz, até uma cartomante já me disse, no dia que você quiser um velho, aí dá certo! Aí, eu digo: de velho basta eu! (Cubby)

Eu vivo hoje em dia mais pras artes, pro cinema, pra todo tipo de arte, dança. Tudo isso. Eu vivo mais pra isso. Eu gosto de ver, de assistir um teatro, um balé, uma coisa assim [...] Tudo isso. E preenche muito, num sabe? Nos dias de hoje [...] E eu acho que daqui pra frente vai ser do mesmo jeito. [...] Sexo pra mim é uma coisa tão [...] Pois é, desse jeito! E eu acho que daqui pra frente não vai ter mudança não. (Slightly)

Foi possível perceber através dos discursos que a AIDS foi um divisor de águas na vida sexual dos homoeróticos e ao chegar à velhice, alguns se consideram sobreviventes:

Sexo é importante pra todo mundo, sexo é a vida da pessoa! E a gente quando é jovem não sabe discernir direito. Mas, quando eu era jovem, eu fiz tanta loucura, tanta, que aí, tá bom, basta! A minha cota já foi! E eu escapei, né? Porque tem tanta coisa hoje. Você vê as doenças e tudo. Então, hoje tem que ter um certo cuidado. Mas, o sexo é importantíssimo! Muito! Tem pessoas assexuadas, mas é importante. Você tem que ver que sexualidade também com uma certa responsabilidade. A coisa tá muito louca. [...] Hoje tem que ter muito cuidado. É por isso que eu acho ótimo na minha idade porque eu já escapei de muita coisa e tô aqui. Hoje eu sou uma pessoa tranquila, sou na minha. Então, eu sou um sobrevivente! (Peter)

Olha, amigos meus, muitos, muitos amigos meus estão todos enterrados, a maior parte por quê? Porque não podiam ver homem, se entregavam de corpo e alma. E terminaram pegando AIDS. Eu não, toda vida fui uma pessoa moderada com sexo. Eu boto sexo como complemento da vida, mas não é tudo, pra mim não é tudo. Tem coisas melhores que o sexo na vida, entende? (Slightly)

As percepções sobre sexo foram bastante parecidas. Todos apresentaram uma visão positiva sobre o assunto, mesmo aqueles que afirmam não ter atividades sexuais com frequência, provando que a velhice homossexual não é assexuada.

Sexo é uma coisa que me deixa feliz, eu me sinto bem. Quando eu tô com uma pessoa que eu gosto, eu me sinto bem. O sexo é uma coisa para fazer bem a pessoa. (Nibs)

Sexo é vida! É tudo aquilo que a gente necessita! Sexo é tudo! É assim uma força motivadora de vida e eu sou muito caçador, viu? Cada conquista pra mim, me renova, me reenergiza! Me dá ânimo pra tudo! (Cubby)

De acordo com Beauvoir (1990), se a vida sexual do sujeito foi espontânea e alegre, como é o caso de Cubby, ele se empenhará em continuá-la até o limite de suas forças. Mas, se foi por prazer narcísico que o sujeito lhe atribuiu valor, esta cessa quando ele não se considera mais atraente nos olhos de seus parceiros. E se quis afirmar virilidade ou seu poder de sedução, ficará, por vezes, aliviado por encontrar na idade uma razão para renunciar a vida sexual.

Nenhum dos entrevistados tem um companheiro fixo. Apenas dois deles (Cubby e Toodles) demonstraram interesse em manter um relacionamento duradouro. Os demais se declararam felizes sozinhos, sendo esta solidão uma opção.

Olha, eu só não tô mais satisfeito com minha vida sexual porque quem não gostaria de ter uma pessoa fixa, não é? Eu digo que sou volúvel, mas talvez seja apenas uma desculpa pra justificar a ausência de uma pessoa permanente. Eu bem que gostaria de ter uma pessoa permanente. Mas, é muito difícil! E eu já disse: eu não gosto de velho! (Cubby)

Não tenho companheiro e nem quero mais não. Eu sou um pouco egoísta também, sabe? Fiquei egocêntrico. Quero não porque eu não gosto de pessoas da minha idade, gosto de pessoas mais jovens, de vinte, vinte e cinco anos. E aí é melhor pra não ter dor de cabeça [...]. (Peter)

É interessante destacar que os entrevistados preferem relacionar-se com homossexuais mais jovens (com exceção de Nibs), mas não consideram que estas pessoas possam se apaixonar por um homoerótico acima de sessenta anos. A única relação possível seria de interesse, um jovem só se aproximaria de um homem mais velho para obter vantagens financeiras.

Tem o aspecto pior de tudo que é da prostituição, de fazer sexo por interesse. Eu acho que tudo na vida é feito por interesse, viu?[...] Muitas vezes, entre os homossexuais, esse interesse se torna muito óbvio e muito cruel. (Cubby)

Um rapaz mais novo, de vinte e poucos anos, vindo um coroa como eu, me vê de carro, uma aparência mais ou

menos, já fica crescendo os olhos assim já pra [...] Eu até nem me incomodo de sair com uma pessoa pra pagar o jantar. Isso aí é normal. Mas, as vezes a pessoa também já fica, dependendo do grau de instrução, já achando: 'Vou descolar!', né? Aquelas coisas! Então, tem todas essas coisas e é aí que você tem que tá vacinado pra tudo isso. Entendeu? (Peter)

Diante deste fato, a maioria prefere manter-se sozinha, já que considera os jovens interesseiros e não sentem atração por pessoas de idade próxima a sua. Existe um certo preconceito que os impedem de relacionar-se com outros velhos. Como afirmou Cubby: *De velho basta eu!*

Nibs foi o único que disse não ter preocupação com idade ao escolher alguém pra se relacionar, mas também considera que os mais jovens só estão interessados em vantagens econômicas:

Pra namorar eu prefiro seus trinta anos, quarenta anos. Mais novo eu não gosto porque só quer saber do dinheiro. Eu gosto mais de homem casado. Adoro um homem casado, uma aventura! Inclusive, os meninos me chamam de destruidora de lar! Porque eu só gosto de homem casado. Desde pequeno eu gostei mais de homem casado. (Nibs)

Ao serem questionados sobre a prática de relacionamentos esporádicos e sem compromisso, Nibs, Toodels e Slightly afirmaram não gostar deste tipo de relação, pois consideram promíscuas e perigosas, pois há risco de contágio de doenças sexualmente transmissíveis e há probabilidade de assaltos e violência. Peter e Cubby afirmaram fazer uso dessa prática em ambientes propícios.

Um outro ponto abordado foi o que é considerado mais importante em uma relação. Nibs e Slightly consideram que o respeito deve estar presente em um relacionamento amoroso. Cubby considera a fidelidade, a solidariedade, o companheirismo, a compreensão e a afinidade cultural como imprescindíveis ao manter uma relação duradoura. Toodels considera o caráter e Peter, apesar de nunca ter mantido um relacionamento sério, acredita que seja a afinidade entre os parceiros.

Todos, sem exceção, afirmaram estar satisfeitos com sua vida sexual. Mesmo aqueles que optaram por afastar-se das atividades sexuais, como Slightly e Nibs, declararam estar bem com relação ao sexo. E Cubby disse estar muito satisfeito, mas lamentou não ter um parceiro fixo.

Finalizou-se o tema sexualidade com a pergunta: Você já teve necessidade de esconder sua orientação sexual? As respostas foram as mais diversas:

Não, nunca escondi! Não escondi da minha família, vou esconder das pessoas por quê? Se quiser me aceitar, me aceite do jeito que eu sou! Eu sei respeitar, sei entrar e sei sair. Lá onde eu moro, todo mundo sabe, todo mundo. Nunca escondi. Mas, todos têm maior respeito por mim: é mulher casada, é homem casado, é criança, é adulto. Todos, todos, todos têm respeito por mim. Porque eu sei me dar respeito. Não tenho nada contra a minha vida. De jeito nenhum. Eu adoro, eu amo a minha vida! (Nibs)

Eu não faço aquele esforço de esconder, sabe? Agora, eu também não vou no pico de uma montanha gritar: eu sou gay! Não porque também não interessa. Agora, claro, você vai a uma repartição, você vai, por exemplo, pegar sua carteira de motorista, você vai mais contido. Mas, se alguém perceber, eu não vou me preocupar com isso não. (Peter)

Raros casos, por exemplo, eu não gosto de chocar, então se eu percebo um casal de senhor, uma senhora de idade ou uma criança, eu escondo. Porque pode ser chocante pra eles. Eu não gosto. Eu não gosto de quem agride. Agora, num meio como o jornal, que todo mundo é atualizado, informado, jovem, aí não. Mas, pessoas que eu vejo que tem uma certa construção mais tradicional de cabeça, eu jamais admitiria para um senhor, uma senhora, um adolescente, assim não. Aí, eu escondo. Eu quero que tu me veja passeando no shopping, bem machudo, bem homem, pra não chocar. Agora, quando o ambiente é propício, eu solto a franga! (Cubby)

Nunca. Quer dizer [...] Eu também não vou divulgar nos sete cantos, nas sete províncias, como dizem. Não, não vou dizer. Sou na minha, tranquilo, reservado, na boa. Pronto. (Toodles)

Em algumas ocasiões sim. No exército, por exemplo. No exército eu tive que ficar na minha. Hoje não. Eu não preciso esconder porque eu sou uma pessoa que aonde eu chego, se a pessoa já souber, tudo bem. Se não souber, eu não vou dá placa pra aquela pessoa me olhe não. [...] Eu vou pra passeata gay, antigamente talvez eu nem fosse porque eu sempre gostei de mostrar pro meu pai e minha mãe, mesmo eles sabendo que eu era, mas que eu era uma pessoa diferente dos outros, entende? Eu não iria, no passado, pra uma passeata daquela. Hoje eu vou abertamente. Vou, passeio com eles tudinho, no meio! Quer dizer, hoje eu já sou mais liberto. Antigamente

eu não fazia isso por quê? Porque tinha respeito pelo meu pai e minha mãe. (Slightly)

Foi percebido pelos discursos, mais uma vez, que aqueles que não tiveram problemas em revelar sua sexualidade para a família, não sentem necessidade de esconder sua preferência sexual para a sociedade em geral, como é o caso de Nibs. Peter e Toodles afirmaram não esconder, mas também não revelam, o que fica claro que preferem reservar-se e assim, mesmo que não interpretem como omissão, escondem sua sexualidade sempre que acham necessário. Cubby e Slightly admitem já ter tido necessidade de esconder sua homossexualidade em alguns ambientes para não chocar outras pessoas. Mais uma vez o preconceito está presente. Por que saber que uma pessoa tem preferência por relacionar-se com pessoas do mesmo sexo agride a sociedade? E por que os homossexuais concordam que existe esta agressão? Há algo de errado neste tipo de sexualidade?

Costa (2002) afirma que uma vez identificado como homossexual, o sujeito dificilmente consegue proteger sua privacidade sexual do espaço público, pelo simples fato de ser sempre interpelado em nome de sua preferência erótica, como se sua pessoa se resumisse à singularidade de sua inclinação sexual:

Jamais fazemos o exercício imaginativo de supor como seria a vida de alguém que, malgrado sua vontade, fosse permanentemente obrigado a ser reconhecido por sua preferência erótica e não por outras qualidades pessoais que quisesse ver apreciadas e respeitadas pelos outros. No entanto, seria interessante imaginar como reagiriam certos homens heteroeroticamente orientados, caso tivessem que conviver com a exposição pública de algumas de suas tendências sexuais, costumeiramente resguardadas do olhar público por nossos hábitos culturais. Como esses homens reagiriam se tivesse que responder socialmente, não enquanto maridos, pais, profissionais, artistas, trabalhadores, cidadãos, honestos, indivíduos moralmente íntegros, etc., e sim enquanto 'praticantes do coito anal', 'adeptos do sexo oral', 'masturbadores contumazes' ou mesmo 'usuários frequentadores de filmes e revistas pornográficas'? Isto ilustra o respeito que dedicamos à privacidade da maioria heteroerótica e do respeito com que tratamos a preferência sexual das minorias. A preservação do vocabulário da homossexualidade e heterossexualidade entre outros efeitos humanamente nocivos priva os indivíduos com tendência homoeróticas de um privilégio que, por direito e por exigências éticas, também é seu. (COSTA, 2002:37).

Velhice

O quarto aspecto abordado foi a velhice. Iniciou-se o assunto com a seguinte pergunta: Como você vê o envelhecimento? Todos apresentaram uma visão negativa sobre o tema, associando-o às perdas, ao declínio físico e social, não identificando-se como alguém que está envelhecendo.

Eu não me sinto velho, eu não vejo a velhice. Eu adoro meus sessenta e dois anos, eu adoro o jeito que eu sou e quero chegar aos cento e quatro anos, igual a uma tia minha que morreu agora, tá com quinze dias, uma tia da minha mãe. Com cento e quatro anos e vinte dias e saia pra todo canto. Do mesmo jeito eu quero ser. Com cem anos eu quero ir de bengala pra Praça do Ferreira. (Nibs)

Pelo que a gente vê nas pessoas, bom não é. É a última etapa da vida, você tá na antecâmara da morte. Então, se você for se preocupar, e você cair na depressão, você morre mais ligeiro. Então, [...] eu, por exemplo, eu não me sinto velho porque eu tenho espírito jovem e organicamente eu não sei. [...] Mas, eu tenho vontade de chegar aos noventa anos sempre com bom humor pra ver os rapazinhos bonitos! (Peter)

Olha, a minha cabeça é tão jovem que eu ainda nem parei pra pensar demoradamente sobre isso. Claro que é muito triste, claro que a gente sente já certas limitações, né? Ataca logo o coração fica com problema de pressão alta, problema de diabetes. Então, tem essas limitações, mas eu acho que você tendo um astral pra cima, você encara essas coisas bem. (Cubby)

Velhice é uma coisa muito relativa, certo? A velhice vem da cabeça. Você pode ser uma pessoa de cinquenta anos, sessenta anos e ter o espírito jovem. (Toodles)

Eu acho o seguinte: a velhice pode vir logo ou pode vir muito tempo depois. Depende das pessoas, do espírito da pessoa. Se a pessoa tem um espírito elevado, engraçado, aí a pessoa custa a envelhecer. Eu tenho um amigo que é da minha idade, só que ele é igual, igualzinho a um velho! Ele se entregou, sabe? Foi se entregando. Eu não. Eu ando, eu passeio, eu me divirto. Ele deixou tudo isso! Deixou de ir a bares, ficou dentro de casa, se iludiu com uma criatura e até hoje tá com essa criatura. Aí pronto. Ele envelheceu antes do tempo. Às vezes eu olho pra ele: 'Rapaz, mas você, sinceramente! Tu tá broco!' Eu acho que ele se acomodou tanto dentro de casa que não sei [...] A gente pergunta uma coisa, ele responde outra! Bem novo, tem setenta anos! Enquanto isso, eu tenho um amigo bailarino, ele vai fazer oitenta anos agora em abril,

é uma pessoa formidável! É uma pessoa jovem, quer dizer, um espírito jovem! Isso aí depende muito da pessoa. O envelhecimento depende da pessoa, você pode". chegar aos setenta, oitenta anos com o espírito jovem e como o bailarino que é uma pessoa super jovem por dentro! Pode a carcaça tá velha, mas ele é super jovem por dentro! Já esse meu amigo de setenta anos, tá um velho! [...] Eu não me sinto velho não! Tô com setenta anos e vou caminhando [...]. Agora eu fico pensando assim: será que eu chego aos oitenta? Porque eu tenho diabetes igual à minha irmã, minha irmã já tá mutilada, eu me conservo. Ela também não se conservou, né? (Slightly)

Observa-se que nenhum dos entrevistados considera-se velho e acreditam que ter o espírito jovem faz com que a velhice nunca chegue para eles, mas apenas para aqueles que não sabem aproveitar o tempo, a vida. Beauvoir (1990) considera que as pessoas exaltam o vigor e a fecundidade associados à juventude e assim, temem o desgaste e a esterilidade da velhice.

Para cada indivíduo, a velhice acarreta uma degradação que ele teme. Ela contradiz o ideal viril ou feminino adotado pelos jovens e pelos adultos. A atitude espontânea é a de recusá-la uma vez que se define pela impotência, pela feiura, pela doença. A velhice dos outros inspira também uma repulsa imediata. Essa relação elementar subsiste mesmo quando os costumes a reprovam. Aí está a origem de uma contradição da qual encontramos inúmeros exemplos. (1990:51)

Questionou-se a partir de que idade o entrevistado considera que a velhice chegou. Nibs não soube responder, Peter e Slightly acreditam que não existe uma idade certa, pois é um estado de espírito, Cubby acredita que a velhice tem início a partir dos cinquenta e cinco anos e Toodles afirma ser a partir dos sessenta e cinco.

Você sabe que você nasce e no outro dia você já tá mais velho um dia. O processo de envelhecimento é constante, tá entendendo? Você é velho quando a sua cabeça diz que você é velho. Quando você deixa de ter alegria, de viver, quando você deixa de admirar as belas coisas do mundo, você já não se interessa pelas coisas, nem de achar a natureza bonita, nem de brincar com uma criança, de ajudar uma pessoa necessitada, quando você se sentir inútil, que você acha que a vida não tem mais nada pra você, então você não tá a beira de envelhecer, você já tá um morto-vivo. Eu conheço gente de trinta anos rabugenta, que fica reclamando da vida. Essas pessoas já estão velhas. (Peter)



A partir dos cinquenta e cinco anos, quer dizer que eu sou velho há mais de dez anos. Olha, a melhor fase da vida é dos quarenta aos cinquenta porque você tem a força da juventude e você tem a experiência da maturidade. Depois dos cinquenta anos, aí as coisas começam a não encaixar bem. A coluna começa a doer, você não pode fazer certas coisas que fazia antes. Mas, que jeito? A gente vai se conformando e curtindo aquelas coisas que restam. Mas, é depois dos cinquenta e cinco anos, aí vai começando a velhice. (Cubby)

A pergunta: Quando você percebeu que estava envelhecendo? Não foi feita durante a entrevista de Nibs e Toodles, pois estes não consideram que já chegaram a esta fase da vida. Cubby percebeu depois dos cinquenta e cinco anos; Peter falou sobre como as outras pessoas percebem suas velhices, mas não sobre seu próprio envelhecimento e Slightly afirmou não estar envelhecendo, pois ainda realiza atividades que lhe dão prazer.

A gente sente, a gente vê os primeiros sinais quando, em alguns casos, não é o meu caso, a barriguinha vai crescendo, que você já não liga muito pro seu corpo, você começa a tomar muita cerveja, aí as formas já vão ficando arredondadas, as ruguinhas vão surgindo, os cabelos brancos, os cabelos vão rareando [...] São essas coisas. Aí, se você não tiver cabeça boa, você se apavora! 'Vixe! Tô ficando velho!' Aí, começa a adoecer. Outros não. Procuram se ajeitar, passar cremes no rosto, fazer uma física pra se manter sempre saudável. Quer dizer, você vai perder a juventude, lógico, mas você vai ficar uma pessoa madura saudável, justamente se preparando pra uma velhice também saudável. Se é que existe isso, né? Pelo menos suportável. (Peter)

Não, não, não, não, não! Eu ainda tô bem. Agora eu não tô fazendo mais o que eu fazia antes por causa da violência de hoje, eu não vou andar de bobeira na rua de madrugada, mas aqui, acolá, eu saio. (Slightly)

Para Toodles a pergunta foi reformulada para: Você considera que já começou a envelhecer? Sua resposta foi:

Não. A minha velhice só vai chegar a partir do momento que eu não tiver mais condições de fazer mais minhas atividades. Quando eu não puder comprovadamente exercer mais nenhuma atividade no meu trabalho como professor. Eu continuo lindo, maravilhoso, achando graça, fazendo um pouco de exercício, adquirindo mais conhecimento porque quando eu tô dando aula, tô



adquirindo mais conhecimento também. Eu não me vejo em casa de pijama e chinelo só vendo o tempo passar. (Toodles)

Nibs não se aprofundou muito no tema velhice, pois não se sente velho e não sabe descrevê-la.

Eu não sei, porque eu tô com sessenta e dois anos e não me sinto velho. Pra mim não chegou ainda não. De jeito nenhum! Pra mim não chegou a velhice. Pra mim, eu tenho vinte anos! Faço tudo, ando pra todo canto, não me considero velho de jeito nenhum!

E ao ser questionado o que é uma pessoa velha, respondeu:

Eu nem sei! Velho é aquela pessoa que se encosta, que não tem coragem mais de sair de casa, que se sente velho. Ser velho acho que é isso, fica dentro de casa. Pra mim, acabou-se! Pronto! Não vou pro cinema porque sou velho, não vou a uma festa porque sou velho, não vou pra uma boate porque sou velho! Isso daí não! Eu não frequento porque eu não gosto de frequentar boate, cinema, mas por causa da minha idade não. De jeito nenhum! Vou pra piquenique, vou pra todo canto, me meto no meio dos jovens e não me sinto velho, de jeito nenhum! Eu sou uma pessoa jovem ainda, com sessenta e dois anos! Quero chegar aos cento e quatro anos, se Deus quiser!

A percepção dos entrevistados sobre como a sociedade percebe os velhos foi bastante negativa. Nenhum deles apresentou uma visão otimista sobre o tratamento dispensado aos velhos.

Eu, por exemplo, adoro velho. Eu sempre tive amigos velhos, sempre gostei de pessoas velhas, adoro conversar com pessoas velhas, nunca tive preconceito, muito pelo contrário. Agora, as pessoas hoje com essa sociedade mercantilista, né? Capitalismo selvagem, a maioria acha que quando tá envelhecendo já não serve mais pra nada. Abandona e às vezes a pessoa, até familiares nossos, cai naquela tristeza e se tornam rabugentos porque entendem que foram relegados a um plano inferior. [...] O Brasil é um País muito injusto, não dá condições às pessoas de um modo geral, você vê que as pessoas tão se formando e para arranjar emprego é muito difícil. E aí hoje todo mundo luta pela sobrevivência. Então, quando aquelas pessoas da família vão ficando mais velhas, se tiver dinheiro, não, querem que viva pra

usufruir. Mas, quando tão velhas, dando trabalho, tão loucos que já morram. (Peter)

Ainda há preconceito contra os velhos, mas eu vou dizer uma coisa interessante [...] eu sinto muito mais preconceito na rua, nas filas, de um modo geral. Com o Estatuto do Idoso melhorou, mas eu noto assim muita [...] Parece que eles presumem, querem presumir que o velho vai ser mais difícil de atender! (Cubby)

Eu tenho muito respeito pelas pessoas mais velhas. Eu vejo que por mais simples que seja a pessoa, de cabelos brancos, eu acho que ela tem uma coisa a lhe dar, a lhe transmitir. Já deve ter passado por certas coisas que você deve tá passando e deve lhe dar uma orientação com relação a isso. As pessoas mais velhas significam o quê? Maduras, que já passaram por certas coisas e já tenha como lhe mostrar que você indo nesse rumo, você vai sofrer, você não vai conseguir o seu objetivo. Tem experiência de vida, né? Não resta dúvida. Mas, isso depende muito da pessoa, do velho, porque tem velho que não vale nada! Velho que passou a vida todinha só na cachaça, só na orgia e no final da vida tá um caco. (Toodles)

E com relação à percepção da sociedade sobre os velhos homossexuais, obteve-se:

Ah! Isso aí tem muito preconceito! Chamam a gente de vó, chamam a gente de maricona, chama a gente de velha! “Sai daí que seu lugar não é aqui!” Passa pelo banco da Praça que nós ficamos: ‘Olha o banco das velhas!’ Entra aqui e sai aqui! “Feliz se você chegar a idade que eu cheguei”. Eu digo isso pra elas. São esses gayzinhos novo, sabe? Que passam e soltam piadas pra gente que fica lá no banco da Praça do Ferreira. Porque a nossa turma é tudo na faixa de cinquenta e seis, sessenta, setenta anos e ninguém se considera velho não! Na nossa turma não! Os gays mais novos tem mais preconceito. Acho que eles têm medo de ficar velho! Eles têm medo de chegar a idade que nós chegamos. Eles têm preconceito. Nós não. (Nibs)

Se ele tiver dinheiro, se tiver posição, boa aparência, se tiver uma situação boa, todo mundo trata bem. Porque o brasileiro tem preconceito com pobre. Sabia? Não é nem pelo preto. [...] Mas, é claro que quando você chega na velhice, você não é mais aquele jovem. E você fica mais caseiro, você não se sente mais tão bem com aquele



monte de coisa, de participar de tudo. Você já procura substituir os prazeres antigos por novos prazeres, que é a leitura, que é a música, alguns são religiosos [...] Isso é muito complexo. Tudo depende da personalidade de cada um. Varia muito. Você nunca pode padronizar. O homossexual de setenta e cinco anos vive de uma maneira, o outro da mesma idade já tem uma nova visão, já tem uma outra situação. Então, tudo vai depender da situação em que as pessoas se encontram. [...] Alguns estão na casa de uma irmã, aí estão dedicados aos sobrinhos. Outro têm sítio no interior e vão criar galinha, ficam lá com a empregada que já acompanha eles também. Entendeu como é? Varia muito. Uma coisa eu lhe digo: o homossexual velho, ele é muito mais feliz do que o heterossexual, o homem. A mulher não, ela se adapta mais. Os homossexuais idosos que eu conheço, a maioria é feliz e tranquila. (Peter)

O preconceito com o velho e com o homossexual é tudo a mesma coisa. Os jovens são tão discriminados também! [...] Tem muito preconceito. E talvez até mesmo em relação aos mais velhos, as pessoas pensam que os velhos nem atuam, né? As pessoas tão por fora. Mas, eu vejo muito preconceito contra jovem também. Muito preconceito. (Cubby)

Nibs, Toodles e Slightly comentaram sobre o preconceito dos homoeróticos mais jovens, Peter defende a diversidade de velhices e de condições nas quais se envelhece e Cubby acredita que o preconceito contra homossexuais velhos e jovens se equivale.

Futuro

Para finalizar a entrevista, os informantes foram questionados sobre suas perspectivas e planos para o futuro. Ouviu-se:

No meu futuro, eu pretendo [...] É que eu não sou aposentado, quero me aposentar, quero comprar um sítiozinho pra mim ainda, morar no sítio, receber meus amigos e viver minha vida no interior, quero voltar pro interior. Eu nasci aqui, mas minha família é do interior! E eu quero ir pra lá também. Mas, só quando eu tiver meus oitenta anos pra lá. (Nibs)

Meus planos é viver em paz com minha consciência, estar bem. Esses anos que me restam, sempre que eu puder ajudar pessoas da minha família e pessoas amigas, né? Cada vez mais quero ir pra cinema, cada vez mais com

prazer, ler revista para eu engrandecer, aumentar minha cultura, que eu adoro. Viajar, eu gosto muito de viajar e comer bem em restaurantes maravilhosos. E aqui, acolá ir a São Paulo, a Florianópolis, Belém do Pará que toda vida que eu vou pra qualquer uma dessas cidades, sempre eu tenho amigos e sempre é uma festa! E é isso aí! Eu não vou me preocupar se daqui já cinco anos, eu tô com setenta e um, eu vou deixar que o tempo passe, e eu vou vivendo todas as etapas. [...] Aí, você pode me perguntar: e na velhice? Aí, eu não vou me preocupar, não vou porque como eu tenho uma condição razoável, eu tenho condição pra pagar alguém pra me auxiliar. E lá em Maranguape existe uma casa para velhos, que é de Irmãs, e tem a parte dos indigentes e outra de quem pode pagar. E eu penso em ir pra lá se for preciso. (Peter)

As minhas perspectivas é poder, como eu lhe disse, ter um pouco de saúde na sobrevida. Ainda ter pelo menos dez anos úteis, e cercado de amigos, meus amigos gays maravilhosos, as minhas amigas compreensivas maravilhosas e o meu mundo, né? E sempre cercado de gente de cabeça aberta e eu espero ainda ver certas evoluções quanto à cultura do preconceito. É isso que eu espero. Pra minha vida pessoal seria arrumar um caso, mas é difícil! (Cubby)

Meu plano é ser feliz como todo ser humano. Eu sou ambicioso, mas nem tanto. Eu quero um apartamento na praia e um carro escândalo. E outras coisinhas que eu vou tentar daqui pro fim da vida. E no lado sentimental, eu quero encontrar alguém. Mas, deixo isso nas mãos do destino. Eu espero que ele me traga uma pessoa maravilhosa. (Toodles)

Eu espero ter saúde e muitos anos de vida pra continuar apreciando as coisas que eu gosto, as músicas, as danças [...]. (Slightly)

Apenas Peter, ao analisar o futuro, visualizou sua velhice. Cogitou a possibilidade de ir morar em um asilo caso não tenha outra opção. Os demais têm planos variados, mas todos com o objetivo de aproveitar a vida da melhor maneira possível, sem perder o ânimo que, segundo eles, é o que faz a velhice chegar.

Considerações finais

Envelhecer em um país de tantos contrastes sociais como o Brasil não é tarefa fácil. A má qualidade de vida de grande parte da população aliada às perdas

progressivas que a velhice pode vir a trazer faz desta etapa da vida algo temido por muitos.

Lidar com as limitações e aceitar as modificações físicas inerentes à velhice são desafios centrais na experiência contemporânea que tanto valoriza as formas corporais e a apresentação juvenil.

A velhice está sempre associada a perdas, seja no social, no físico ou no psíquico. Sua representação social está atrelada à dependência física e econômica, improdutividade, solidão, dentre tantos outros aspectos negativos. É fácil perceber porque ninguém quer considerar-se velho.

Entre os homossexuais não é diferente. Na análise dos discursos dos entrevistados constatou-se que foi mais fácil assumir a homossexualidade no passado do que assumir o seu atual envelhecimento. Além de enfrentarem as dificuldades que acompanham a velhice, ainda lidam com as especificidades trazidas por sua orientação sexual.

Foi percebido nas entrevistas que o envelhecimento encerra mais preconceito que o homoerotismo. O velho é sempre o outro. A velhice só chegará para os entrevistados quando estes não sentirem mais prazer pela vida, quando seus dias passarem a não ter atividades sociais, ficando apenas em casa à espera da morte ou quando estiverem acometidos por alguma doença que os impeça de realizar as suas atividades diárias.

Quanto à sexualidade, costumam (independente da idade) valorizar bastante a aparência física, a juventude e a beleza ao escolherem seus parceiros sexuais. Assim, os jovens homoeróticos não costumam se envolver com os mais velhos. Quando este relacionamento entre um jovem e um velho acontece é logo visto com um jogo de interesse: o mais novo quer facilidades financeiras e o mais velho, a companhia sexual. Este fato contribui para a diminuição drástica das atividades sexuais dos velhos homossexuais que têm receio de um envolvimento com um jovem, e não sentem atração por pessoas que já envelheceram, como ficou claro no discurso de Cubby: *“De velho basta eu!”*.

Os velhos homossexuais carregam estereótipos derivados da depreciação de sua atratividade como parceiros sexuais desejáveis. Estes têm optado por uma vida sexual mais calma por este fato. Entretanto, afirmam estarem satisfeitos com a calma e aproveitam as oportunidades de realização sexual sem compromisso.

Todos os entrevistados apresentam um conceito positivo sobre sexo, como algo que faz bem, que reenergiza, embora revelem sentir uma grande diferença na vivência de suas sexualidades ao compararem as muitas aventuras vividas na juventude com as poucas da velhice. Então, preferem dedicar-se a outras atividades que também os dão prazer, como ler, assistir filmes, passeios, reunir grupos de amigos, dentre outras.

Quanto ao perfil socioeconômico, obteve-se uma diversidade de respostas. A renda mensal variou de dois salários mínimos até acima de dez salários mínimos. Por não terem filhos e nem companheiro, todos utilizam a renda apenas para seu próprio sustento e para ajudar algum familiar ou amigo. Nenhum deles enfrenta dificuldades financeiras.

Constatou-se que os homossexuais que optaram por assumir sua orientação sexual, para a família e para a sociedade, relacionam-se melhor com os familiares, vizinhos e amigos. Os que preferiram omitir, e manter uma vida reservada, não apresentaram uma boa relação com vizinhos e afirmam ter construído sua própria família entre os amigos.

A pesquisa indicou que neste grupo de entrevistados há pontos tanto da hipótese positiva do envelhecimento homossexual, como da hipótese negativa que são verdadeiros.

A hipótese negativa afirma que os homossexuais consideram-se velhos já na passagem dos trinta ou, mais tardar, quarenta anos de idade. Isto não foi confirmado. O que se observou foi o oposto: os velhos homossexuais não se consideram velhos nem mesmo aos setenta anos, idade do entrevistado mais velho. Todos se sentem jovens por aproveitarem a vida de maneira a obter prazer com as atividades que realizam.

Há o esforço de descobrir novas fontes de poder pessoal. Mesmo tendo as capacidades biológicas reduzidas, estes fazem com que suas velhices sejam enriquecidas com possibilidades distintivamente criativas.

A hipótese negativa também afirma que a velhice homoerótica reconstituiria de forma acentuada os estereótipos e estigmas da decadência corporal que levariam ao desengajamento e abandono das práticas sexuais homoeróticas, ficando o velho excluído dos ambientes de convivência dos homossexuais ainda jovens.

Através dos discursos foi observado que existe o estigma da decadência corporal dos velhos, tanto parte dos mais jovens como dos próprios velhos entre si. Jovens e velhos consideram os homossexuais de idade mais avançada pouco atrativo. Apenas os corpos jovens e belos são valorizados, o que faz com que haja a diminuição das práticas sexuais homoeróticas na velhice, mas não o abandono. Em todas as entrevistas foi observado que existe vida sexual, embora numa frequência baixa.

A hipótese negativa afirma ainda que nesta fase os homossexuais enfrentam a depressão e a solidão, tal qual as mulheres viúvas ou separadas enfrentam, o que não foi confirmado. Os homoeróticos demonstram um alto nível de satisfação com suas vidas. Três, dos cinco entrevistados, afirmam que se tiverem a oportunidade de voltar à vida após a morte, querem ser novamente homossexuais por sentirem-se plenamente realizados e felizes.

A perspectiva da velhice homossexual que apresenta uma visão positiva foi a que melhor enquadrou-se para analisar o grupo entrevistado. Os velhos homoeróticos procuram enriquecer esta fase da vida com atividades criativas, seja através das artes, da leitura, de viagens, envolvidos com organizações que lutam pelos direitos dos homossexuais, como é o caso de Nibs, dentre outras. Embora não visualizem a velhice, nem mesmo quando analisam o futuro, vivem esta fase de uma forma positiva o que faz com que permaneçam ativos e considerando-se sempre jovens.

É importante ressaltar que este trabalho não se apresenta como algo acabado, fechado, como verdade absoluta e irrefutável. Espera-se que ele possa contribuir na construção de outros debates e na abertura de novos espaços de discussão através do diálogo com os demais setores da sociedade, não se restringindo ao meio acadêmico.

Referências

ALCANTARA, Adriana de Oliveira. *Velhos Institucionalizados e Família: Entre abafos e desabafos*. Campinas, SP: Alínea Editora, 2004.

BEAUVOIR, S. *A Velhice*. Traduzido por Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.

COSTA, Jurandir Freire. *A Inocência e o Vício: estudos sobre o homoerotismo*. Rio de Janeiro: Relume – Dumará, 4ª edição, 2002.

DEBERT, Guita Grin. *A Reinvenção da Velhice: Socialização e Processos de Reprivatização do Envelhecimento*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

LANG, A.B.S., CAMPOS, M.C.S. de S. & DEMARTINI, Z. de B.F. *História Oral e Pesquisa Sociológica: A experiência do CERU*. São Paulo: Humanitas, 1998.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1994.

Alline Aragão Pontes - Coordenadora do Centro de Referência da Assistência Social (CRAS Itinerante/Fortaleza - CE). Especialista em Saúde da Família, pela UEVA. Especialista em Segurança Social, pelas Faculdades INTA. E-mail: allinearagao@yahoo.com.br